

DE MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Editora Esfera, 1999, 103p.

*Ana Maria Romano Carrão**

O ensaio está centrado na complexa questão do emprego/desemprego, despertando o leitor para a reflexão sobre o verdadeiro sentido do trabalho. Evidencia as conseqüências do desvirtuamento dos reais objetivos do desenvolvimento tecnológico, revelando como a inteligência humana trabalhou em prejuízo da própria sociedade. Desenvolvida de forma bastante didática, a obra oferece ao leitor uma incursão pela História desde a Grécia Antiga até os nossos dias, com acesso a uma riqueza de informações que, por si só, compensariam a leitura.

O desemprego, tema central dos debates deste final de século, é uma preocupação bastante antiga. Ainda na década de 30, Keynes prognosticava tempos ruins para os 100 anos seguintes, já preocupado com os resultados dos ganhos de produtividade industrial conquistados com o desenvolvimento tecnológico.

No decorrer da análise, De Masi discorre sobre o significado do trabalho e do tempo livre para o homem, centrando suas reflexões em torno de teses, através das quais

* Ana Maria Romano Carrão é mestre em Administração e doutoranda em Ciências Sociais, professora da Universidade Metodista de Piracicaba e coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisa em Administração — CEPA/UNIMEP.

mostra a luta do homem pela conquista do tempo livre, pela eliminação do trabalho escravo, pela redução da fadiga e como esse mesmo homem, tendo atingido seu objetivo, não está conseguindo romper seus laços com o trabalho e pensar novos sistemas sociais nos quais a atividade produtiva deixaria de ser o componente preponderante.

Propõe uma retomada da valorização do tempo livre, do ócio criativo da Grécia Antiga, quando as necessidades eram satisfeitas com um número reduzido de bens ricos de significado. Entretanto, naquele período da história, para que uns poucos pudessem ter direito à tal regalia, o trabalho braçal era realizado por escravos, uma massa humana sem direitos, equiparados a máquinas pelos seus senhores que os avaliavam em termos de retorno sobre o investimento.

A decadência da exploração do trabalho escravo, a partir do século IX, foi influenciada pela relação entre o custo dos escravos e dos outros trabalhadores, pelo progresso tecnológico e pelo cristianismo, embora a própria Igreja mantivesse escravos. Percebeu-se que o trabalhador livre era mais motivado para o trabalho, além do que o escravo custava ao amo o sustento, todo um esquema de vigilância, ao que se deve acrescentar que a sua produtividade era prejudicada, pois as correntes o impediam de realizar algumas tarefas.

No século X, a escassez do “gado humano” impulsionou o desenvolvimento tecnológico que, incorporado aos processos produtivos, provocou a superabundância de mão-de-obra. Bacon foi um dos defensores do avanço tecnológico. Considerava-o um processo irreversível, pois acreditava na aplicação do trabalho intelectual no cotidiano das pessoas. As idéias de Bacon e a difusão do Iluminismo, associadas à escassez de mão-de-obra, deram início ao modo de produção industrial, especialmente na Inglaterra, onde o início foi a mecanização da fiação e da tecelagem.

Hoje, os eletrodomésticos utilizados nos lares correspondem ao trabalho de 33 escravos e um operário de uma fábrica automatizada substitui 244 escravos. De alguma forma, esses ganhos de produtividade são reflexo das idéias de Taylor, embora originalmente seu objetivo fosse a redução da fadiga do trabalhador.

Se a Taylor atribui-se o desenvolvimento de técnicas voltadas à redução do esforço humano, é a euforia mercantil que se deve a

mudança de rota do trabalho. Não bastou a eficiência alcançada, o desejo de produzir muito mais no mesmo tempo foi mais forte. O resultado é conhecido: “supertrabalho” para alguns e desemprego para muitos.

A prática tem mostrado a ineficácia das políticas de desenvolvimento em gerar empregos na proporção necessária, apontando a urgência de se encontrar formas alternativas para a solução desse que é o maior problema da sociedade pós-industrial. Eis aqui a grande questão. Assim como há 20 séculos a tecnologia iniciou a sua caminhada em direção à libertação do homem, a criatividade deverá ser empregada no sentido de permitir à humanidade o retorno às vantagens da sociedade pré-industrial, de forma que o trabalho esteja presente, associado ao prazer de aproveitar a vida. No pós-industrial, a economia dos países deverá refletir uma convivência harmônica entre os setores agrícola, industrial e terciário, em que às máquinas caberá o trabalho alienante e as políticas projetarão novos sistemas sociais que permitam o tempo livre e o ócio criativo.

Em lugar disso, parece ser mais fácil difundir a idéia de que a crise e o desemprego são situações irreversíveis, desestimulando os jovens estudantes no que se refere às expectativas de futuro. O desafio que se coloca à educação é que, em lugar de preparar os jovens para uma carreira específica, deverá formá-los para uma vida ativa dedicada a atividades com preponderância do intelectual, deixando claro aos jovens seu compromisso com o aprendizado contínuo para se evitar a obsolescência.

Para De Masi, o momento dá sinais de esgotamento do modelo capitalista vigente, apontando como única alternativa a distribuição do trabalho que, conseqüentemente, promoverá a distribuição da riqueza. Esse é único caminho para a cidadania. Entretanto, o maior obstáculo à realização desse ideal reside na própria dificuldade do homem em aceitar a nova proposta.

É nesse ponto que a obra dá uma de suas maiores contribuições, pois tudo o que se tem escrito sobre o problema do desemprego e seus desdobramentos sociais, acaba sempre por vincular as saídas aos compromissos com o crescimento econômico e as políticas de desenvolvimento. O autor prefere associar sua proposta a um novo desafio, uma provocação à criatividade humana.

A atualidade das questões discutidas torna a obra bastante oportuna a todo tipo de leitor. Entretanto, dá uma contribuição especial aos estudantes que estão duplamente envolvidos, pois se a eles as oportunidades de emprego estão cada vez mais escassas, é à sua geração que caberá a materialização da grande mudança.

